

CAMINHANDO PELAS RUAS DA CIDADE: O FLANEUR E O LABIRINTO MODERNO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.053122512028>

Data de aceite: 27/01/2025

Ana Raquel da Silva

Grupo de pesquisa Escritos Suspeitos –
Universidade Federal Fluminense, Niterói
– RJ, Brasil, 2025

A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. O flâneur, sem o saber, persegue essa realidade. (BENJAMIN, 1994. p.203)

No mito do labirinto (BRANDÃO, 2001, p.54-66), Dédalo foi o grande e engenhoso construtor de um lugar mítico, que uma vez adentrado, seria impossível de ser deixado. Ele pode ser visto, na sociedade moderna, como a representação da racionalidade produtiva e arquitetônica com que o processo de urbanização foi orientado a partir do final do séc.XIX. No labirinto mítico, os homens eram devorados por uma criatura monstruosa, ambos prisioneiros de um lugar, que bem poderia ser visto como um jogo de espelhos, sem início ou fim. As pessoas que ali adentravam precisavam estar em um constante movimento a fim de encontrar uma forma de escape ou

sobrevivência já que o monstro poderia encontrá-los. O labirinto, além de ser um espaço físico aponta para uma realidade existencial mais abrangente na qual o ponto de chegada torna-se o início de uma nova partida. Em comparação com o início do processo de industrialização das cidades, questões ligadas ao movimento contínuo e inquietações dos personagens apresentados pelo mito do labirinto podem, analogamente, representar a forma com que o processo de urbanização industrial influenciou a tentativa de construção da identidade moderna.

A cidade moderna são os ecos desse labirinto – presídio complexo de ruas cruzadas e rios aparentemente sem embocadura – onde a iniciação itinerante e o fio de Ariadne se mostram tênues ou nulos... o labirinto aqui não é o trilho para chegar-se ao centro; é, antes, marca da dispersão. (GOMES, 1994, p.64)

A formação das cidades industriais trouxe muitas mudanças: um novo ritmo de vida cada vez mais acelerado, o aumento exponencial do crescimento migratório, uma nova relação entre capital -trabalho e a formação de um pensamento voltado para a produção e o progresso. Historicamente, a revolução industrial inglesa teve um papel fundamental nesse processo, já que evidenciou a transição do capitalismo comercial para o industrial, assim como a formação de uma nova ordem social antagônica, composta por burguesia e proletariado, acumulação e pobreza, ordem e caos. Segundo Eric Hobsbawm, “a revolução industrial não foi uma mera aceleração do crescimento econômico, mas uma aceleração de crescimento em virtude da transformação econômica e social – e através dela.” (HOBSBAWM, 2011, p.23)

A sociedade industrial poderia ser comparada a uma malha de labirintos (exteriores e interiores), formando uma teia composta por ruas, becos e casas, local de reprodução, refúgio e aprisionamento dos sujeitos, que ora tentam fugir ou esconder-se por suas “paredes” em uma contínua tensão entre espaço público e privado. Outro aspecto a ser notado é que no labirinto mítico o minotauro é a representação da monstruosidade e da vergonha (fruto de uma relação bestial), ele causa horror, medo, repulsa e morte, porém, contraditoriamente, sua existência é o principal motivo para uma construção tão engenhosa, tornando-se um instrumento para a manutenção da ordem, aprisionamento e punição. A sociedade industrial também já apresentava intensas distorções; por trás de um ideário pautado na ordenação social e progresso, encontrava-se a crescente formação de uma multidão totalmente destituída de condições mínimas de subsistência.

São cidades que flutuam entre duas tendências confrontadas cotidianamente, conferindo-lhes dois rostos, um aparente, visível, de mecanismo funcional e funcionante, que tenta organizar o ritmo da vida de seus habitantes; o outro é o rosto da crise que rechaça o modelo urbano funcional. (GOMES, 1994, p.54)

Em Londres, as fábricas passaram a ter o papel central de produção da vida material e reprodução das relações necessárias à manutenção e controle da ordem social. Porém, à medida que ocorria o aceleramento da industrialização (produção têxtil, construção naval e engenharia civil e mecânica pesada) e a crescente exploração da mão de obra fabril com o aumento das horas de trabalho, mecanização da indústria, baixos salários e desemprego, houve como consequência ao desenvolvimento urbano, o avanço da pobreza, formando assim uma grande população de destituídos e marginalizados. Com o trabalho fabril, o operário era visto apenas como mais uma peça vinculada à máquina produtiva, e aqueles que não se ajustavam ao mercado de trabalho encontravam-se à margem, sem condições básicas de subsistência. A grande questão nesse processo de exclusão foi o gradativo aumento populacional, assim como a falta de um planejamento urbano capaz de suprir essa demanda.

O FLANEUR E A CIDADE

Edgar Allan Poe, em “O homem da multidão” (1840), exemplifica muito bem a relação complexa e dual entre o espaço urbano e a identidade do homem moderno, a partir da elaboração de um conto, cujo cenário principal encontra-se entre os labirintos das ruas. Trata-se de uma narrativa descrita a partir da perspectiva de um personagem burguês que a princípio, observa a multidão e passa a descrevê-la, retratando a aparência dos indivíduos, comportamentos, classes e funções sociais. No início do conto, encontra-se em uma posição confortável, sentado à janela de um Café observando e fazendo o papel de um pesquisador analítico, descrevendo e catalogando seu objeto.

O Café era um lugar, utilizado nesse período, para a leitura de jornais e atualização de informações sobre diversas notícias, inclusive internacionais (HAYES, 2002, p.445). Nesses estabelecimentos, era comum encontrar comerciantes ávidos por notícias, que se sentavam em suas poltronas e observavam as ruas. No conto, o observador tenta ler as ruas e as pessoas que ali passam - cada indivíduo, mesmo em meio à multidão, apresenta um texto a ser apreendido. Pode-se perceber uma alegoria entre observar através da janela e ler o jornal – ambas as atitudes com o intuito de leitura da realidade exterior. Nesse *locus*, o narrador encontra-se distante, protegido, observando a multidão, assim como através de um caleidoscópio. Seu poder de observação, porém sofre uma grande mudança ao deparar-se com algo que lhe foge ao controle: alguém que não pode ser lido ou “decifrável” por uma observação distanciada. Então, ele decide deixar sua posição de segurança e conforto, para aventurar-se pela cidade, assumindo um estado de investigação.

Com a testa encostada ao vidro, estava eu destarte ocupado em examinar a turba quando, subitamente, deparei com um semblante (o de um velho decrepito, de uns sessenta e cinco anos de idade), um semblante que de imediato se impôs fortemente à minha atenção, dada a absoluta idiossincrasia de sua expressão. Nunca vira coisa alguma que se lhe assemelhasse, nem de longe... Senti-me singularmente exaltado, surpreso, fascinado. “Que extraordinária história”, disse a mim mesmo, “não estará escrita naquele peito!” Veio-me então o imperioso desejo de manter o homem sob minhas vistas... de saber mais sobre ele. (POE, 1986 p.132)

Nesse momento a narrativa ganha um movimento, em que o observador deixa de ser um mero expectador e assume o papel de detetive, caçando pistas e procurando decifrar o estranho pela dedução e racionalidade. Ele adentra o labirinto da cidade, em meio à multidão, e à medida que anoitece sua perseguição é cada vez mais acirrada, assim como a descrição da teia urbana composta por avenidas, ruas e vielas. O narrador expressa em sua perseguição a necessidade de ler não somente aquele que lhe é *estranho*, mas a cidade à sua volta, detalhando as contradições e espaços que ainda lhe são desconhecidos, “a própria multidão londrina aparece sóbria e confusa” (BENJAMIN, 1994, p.48). Há na narrativa, uma relação intrínseca entre o narrador, o estranho e a cidade, pois ambos expressam a angústia e as contradições do homem moderno que tenta encontrar o sentido para sua existência - “Se no começo, as ruas se transformavam para ele em interiores, agora são esses interiores que se transformam em ruas, e, através do labirinto das mercadorias, ele vagueia como outrora através do labirinto humano.” (BENJAMIN, 1994, p.52)

Assim como a miragem de um oásis em meio ao deserto desaparece à medida que há uma aproximação, a identidade do homem moderno não pode ser apreendida, por mais intenso que seja o esforço para alcançá-la. No labirinto mítico, o fio de Ariadne foi o elo suficiente que marcava o caminho para que Teseu não se perdesse e pudesse sair, porém nos labirintos da sociedade moderna não há princípio ou fim, pois ambos acabam resultando em mais labirintos a serem percorridos.

O homem citadino é presa dessa cidade, está enredado em suas malhas. Não consegue sair desse espaço denso, uma vez que a civilização urbana espalhou-se para além dos centros metropolitanos e continua a preencher grandes áreas que gravitam em torno desses centros. A partir da Revolução Industrial, o fenômeno urbano parece ter ultrapassado as fronteiras das cidades e ter-se difundido pelo espaço físico. O signo do progresso transforma a urbanização em movimento centrífugo, gerando a metrópole que se dispersa. Assim, o citadino – homem à deriva – está na cidade como em labirinto, não pode sair dela sem cair em outra, idêntica, ainda que seja distinta. (GOMES, 1994, p.72)

Mesmo sem perceber, o perseguido tem um papel de guia em meio à multidão. Essa caçada pela cidade tem a duração de 24 horas, e o protagonista termina exatamente onde começou. De fato, o estranho é “o homem da multidão reduplicado: ambos representam a própria cidade que não se deixa apreender, não permite ser lida, mas que impõe uma leitura do ilegível” (GOMES, 1994, p.75). Ao considerar a questão do duplo, Freud relaciona-o ao ‘estranho’ e assustador; porém ambigualmente ao que é conhecido e familiar. Ele faz suas considerações a partir do estudo da palavra *heimlich* (*familiar*) e sua consequente negação *unheimlich* (*estranho*) a partir de seus diversos usos, por vezes ambigualmente contraditórios na língua alemã, assim como na forma com que esses vocábulos foram traduzidos e utilizados em outras línguas.

Em geral, somos lembrados de que a palavra *heimlich* não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista... Segundo Schelling, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz. (FREUD, 1974, p.298)

Freud ressalta que o duplo é apresentado com reflexos em espelhos, com sombras, com a crença na alma e com o medo da morte; mas pode ser visto como, paradoxalmente, uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte. O estranho relaciona-se ao que é assustador - com o que provoca medo e horror; porém ambigualmente ao que é conhecido e familiar. Isso só ocorre quando algo de novo é acrescentado, tornando aquilo que já é conhecido ou esperado algo não mais familiar. (FREUD, 1974, p.298,299) Aquilo que é inquietante está associado a algo que está escondido ou é negado por aquele que abriga essa percepção. Nesse sentido, o duplo é a representação dessa relação, criado como uma garantia ao “desaparecimento do Eu”, é um desdobramento, uma ação de defesa ante a aniquilação. O estranhamento, nesse sentido refere-se a algo que foi reprimido, deveria ter permanecido oculto, porém em algum momento foi revelado

No conto, a atração exercida pelo estranho faz com que o outrora “convalescente” saia de sua posição confortável e segura para uma perseguição entre as ruas e vielas, noite e dia. Nesse sentido poderíamos conjecturar que Poe aborda a angustiante tentativa do cidadão moderno em encontrar-se em meio à multidão; ele é solitário, não pode ser apreendido pelos outros ou por si mesmo. Porém, é na multidão que existe e, paradoxalmente se esconde, sendo a cidade o seu *locus* labiríntico de constantes chegadas e saídas, e é nesse movimento que constrói sua identidade, sempre fugaz e perene. “Este é o universo da grande cidade moderna, lugar da experiência de ser estranho no mundo, de estar sob o signo da precariedade e do desamparo, cujos heróis são os inadaptados, os marginais, os rejeitados que reagem à atrofia da experiência.” (GOMES,1994, p.69)

De acordo com Simmel, a metrópole exerce um poder que interfere na vida de seus habitantes, tornando-os reprodutores de uma mentalidade racional fundamentada em uma visão produtiva e mercadológica. (SIMMEL,2005, p.326) Antes da existência das grandes cidades os habitantes tinham um ritmo de vida mais favorável à sua expressão sensorial, pois conseguiam estabelecer relações sociais mais profundas e emocionais. A partir da formação das metrópoles essa característica passou a ser contraposta por uma cadência mais acelerada tanto na vida como na subjetividade de seus habitantes proporcionando assim uma nova ordem econômica e racional. (SIMMEL,2005, p.327). A urbanização mudou a forma com que as pessoas construíam seus relacionamentos em sociedade, tornando-os mais insensíveis e impessoais. Por outro lado, como forma de tentar proteger sua própria subjetividade, diante da pressão das massas, as pessoas criam estratégias de sobrevivência que as levam a serem cada vez mais individualistas. Um exemplo dessa questão é que a divisão social do trabalho apesar de reforçar uma ordem capitalista de produção de massa, permite que haja o foco na particularização do trabalho, possibilitando uma certa diferenciação ao indivíduo que passa a tecer sua forma de resistência à padronização que a racionalidade capitalista lhe impõe. Nesse aspecto, o habitante das grandes cidades vive a dualidade de estar na multidão, sem, todavia, perder sua própria caracterização pessoal e subjetividade. (SIMMEL,2005, p.332). Essa tensão entre pertencer a um organismo maior e conseguir resguardar sua subjetividade faz com que ele se movimente por espaços onde pode exercer um certo grau de liberdade, ainda que esteja debaixo de uma forte opressão social.

Assim como no mito do labirinto, o habitante desse novo espaço urbano vive em seu cotidiano um cenário que é desafiador e, simultaneamente, aterrorizante, pois é um caminho ainda não traçado, no qual à medida que é percorrido, deixa-se marcas para um eventual retorno ou saída, fato que jamais ocorre. Os modelos da antiga ordem social já não dão resposta ao surgimento do novo, porém esse também é ‘dissolvido’ à medida que é alcançado. O labirinto representa o desconhecido, o amedrontador, o aprisionamento e a complexa relação entre a cidade, o indivíduo e sua própria subjetividade.

Um outro aspecto interessante em “O homem da multidão”, é que o personagem narrador se assemelha ao *flâneur*- a palavra francesa se refere ao burguês caminhando tranquilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, alguém que busca uma nova percepção da cidade – “ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra a sua industriiosidade.” (BENJAMIN,1994, p.50). A grande diferença é que o *flâneur* descrito por Poe tem um papel detetivesco, apresenta uma verdadeira compulsão em sua perseguição, fazendo com que a cidade seja descrita como um lugar onde o mistério é criado e reproduzido; “para Poe, o flâneur é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade”. (BENJAMIN,1994, p.45) Ele enfatizou em sua obra a descrição de um estado de consciência que aponta para a alienação, instabilidade e angústia do homem moderno em busca de sua própria identidade. O aspecto gótico em sua obra apresenta o medo e o terror a partir de um estado de consciência lúgubre, um estado de profunda crise oriunda de relações subjetivas, sociais e valores conflitantes.

No conto, Poe também apresenta um jogo de dualidades e angústia entre espaços públicos e privados, construído principalmente através das diferentes perspectivas e nuances do espaço urbano, assim como na subjetividade do personagem *flâneur*. Segundo Gomes, esse “é um dos textos basilares que tematiza o problema da legibilidade da cidade moderna, através da complexa vida urbana em sua constante mobilidade, cenarizada nos labirintos das ruas e da multidão.” (GOMES,1994, p.71)

Para compreendermos melhor a importância do aspecto público e privado na modernidade, precisamos voltar nosso olhar, de acordo com Hanna Arendt, ao pensamento greco-romano, já que é a fonte de todo o nosso referencial ocidental. Para os gregos, na antiga *polis* o lar era um espaço privativo do cidadão, pois sem possuir uma casa um homem não poderia participar dos assuntos pertinentes ao mundo, já que ele não tinha um espaço que fosse propriamente seu. O lar era o ambiente que nascia da necessidade de proteção e manutenção das necessidades essenciais, que mesmo apresentando as mais profundas desigualdades apontava para a liberdade vivenciada na *polis*. A liberdade para os gregos só poderia ser vivida em um ambiente onde não houvesse a necessidade de governar ou ser governado, ou seja, apenas na *polis* isso seria possível. A separação entre as esferas pública e privada, cujas raízes remetem ao último período da civilização romana, perdeu o seu caráter de intransponibilidade a partir do advento da era moderna. Surgiu então o conceito de um espaço que a princípio não seria público ou privado, mas sim, *social* - formado a partir da perspectiva da formação de um Estado nação. Na modernidade, o termo privado deixou de ser oposto da esfera política para tornar-se o oposto da esfera social. Com isso passou a ocorrer uma estreita relação entre o que seria social e o que seria íntimo (subjetivo), caráter excepcionalmente ligado à individualidade. A ascensão da sociedade burguesa trouxe como consequências a crescente absorção da unidade familiar por grupos sociais correspondentes, onde os homens passaram a ser vistos como seres sociais e a seguir semelhantes padrões de comportamento e regras.

Para Rousseau, o indivíduo moderno e seus intermináveis conflitos, sua incapacidade tanto de sentir-se à vontade na sociedade quanto de viver completamente fora dela, seus estados de espírito em constante mutação e o radical subjetivismo de sua vida emocional nasceram dessa rebelião do coração. (ARENDR,2000, p.47)

A partir dessa concepção, podemos perceber na narrativa de Poe que o *flâneur* é um personagem que resiste à uniformidade, recusando-se a ser apenas uma peça na engrenagem social, procurando construir uma individualidade em meio à multidão. Ele procura o seu espaço, está na sociedade, mas não se sente parte dela, por isso investiga um ‘estranho’, que seria a sua própria representação, como num jogo de espelhos, algo visível, mas impossível de ser alcançado.

O *flâneur* emerge junto com a modernidade, pois é um burguês que decide perambular pelas ruas da cidade, buscando um sentido para sua própria razão de ser. Ele traz o prenúncio da crise e da postura de não subordinação às regras, já que está na sociedade, mas ao mesmo tempo sente-se desconectado de significação.

Se, desse modo, o *flâneur* chega a ser um detetive contra a sua própria vontade, trata-se de algo que socialmente lhe cai muito bem. Legitima a sua vagabundagem. A sua indolência é apenas aparente. Atrás dela se esconde a vigilância de um observador que não perde o malfeitor de vista. Assim, o detetive vê se abrirem vastos campos à sua sensibilidade. Ele constitui formas de reação adequadas ao ritmo da cidade grande. Colhe as coisas em pleno voo; com isso, ele pode se imaginar bem próximo do artista. (GOMES,1994, p.44)

Benjamin ressalta que o *flâneur* é um ser que observa o mundo que o cerca de maneira real e descritiva, levando a vida para cada lugar que vê. O *flâneur* descreve as cidades, as ruas, os becos, o externo. Desvincula-se do particular, recrimina o privado, de forma a ver a rua como lar, refúgio e abrigo. Este sentimento ‘*flâneuriano*’ reflete a necessidade de segurança do indivíduo, a necessidade de identificação dele para com a sociedade. A rua é seu lar, seu mundo, apesar de sentir-se contraditoriamente confortável e protegido em meio à multidão mesmo que essa lhe pareça estranha a princípio. Mesmo que não seja um habitante da rua, o indivíduo *flâneur* utiliza sua janela ou olhar para fazer sua observação e seu retrato. Ele é um fotógrafo, porém além de imagens, registra ideias, sentimentos e atitudes. (BENJAMIN,1994, p.70)



Fig. 1 - Paul Gavarni, *Le Flâneur*, 1842.

Um aspecto fundamental a ser considerado em “O Homem da Multidão” refere-se à presença da cidade e formação de um espaço temporal que também poderia ser considerado misterioso ao *flâneur*. Há um momento em que o observador já não reconhece o local por onde anda, expressando também as contradições entre crescimento urbano e marginalidade, apresentando a cidade como um lugar sombrio, mal iluminado, à medida que o tempo passa e anoitece.

O estranho se deteve e, por um momento, pareceu imerso em reflexões; depois, com evidentes sinais de agitação, seguiu em rápidas passadas um itinerário que nos levou aos limites da cidade, para regiões muito diversas daquelas que havíamos até então atravessado. Era o mais esquálido bairro de Londres; nele tudo exibía a marca da mais deplorável das pobreza e do mais desesperado dos crimes. A débil luz das lâmpadas ocasionais, altos e antigos prédios, construídos de madeiras já roídas de vermes, apareciam cambaleantes e arruinados, dispostos em tantas e tão caprichosas direções, que mal se percebia um arremedo de passagem por entre eles. (POE, 1986, p.134)

O jogo de luzes e sombras nas narrativas desse período sempre nos remete a um aspecto gótico, característica marcante na literatura de fantasia. Porém, a obscuridade na obra de Poe tem uma projeção ligada à subjetividade e ao desconhecido. Ele subverte os padrões e valores morais de racionalidade e materialismo da sociedade burguesa, contrapondo-a com as zonas escuras, permissivas e ilógicas do subconsciente, assim como suas manifestações no espaço urbano. “No decurso de seu conto, Poe faz com que anoiteça. Ele se demora na cidade à luz de gás. O fenômeno da rua como interior,

fenômeno em que se concentra a fantasmagoria do flâneur, é difícil de separar da iluminação a gás.” (BENJAMIN, 1994, p.47) Segundo Botting, o gótico urbano, mesmo que reforce as relações sociais e psicológicas como fontes de tensão e mistério acima das forças sobrenaturais, também apresenta características tradicionais relacionadas “ao excesso, transgressão e ambivalência” (BOTTING, 2005, p.9). O excesso pode ser encontrado nas narrativas que envolvem, por exemplo, o crime organizado, a monstrosidade das ações humanas, os duplos e os cidadãos que se dividem em suas funções sociais cotidianas e seu lado psicológico mais obscuro. A transgressão pode ser expressa por traições, atitudes egoístas, passionais, violentas e criminosas. A ambivalência nas relações é recorrente nas narrativas onde os personagens agem com intenções pouco reveladas ou quando percebe-se um certo “estranhamento” nas atitudes dos personagens. A insegurança gerada pela nova forma com que a vida em sociedade passa a ser concebida e drasticamente transformada com o desenvolvimento da malha urbana, assim como a nova forma de viver e agir nessa sociedade desperta inquietudes e, paradoxalmente, o fascínio pelo mistério que se encontra nas ruas e em seus complexos habitantes.

Essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas. A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. No término do conto, o *flâneur*, após uma longa noite de perseguição, retorna ao ponto de partida e depara-se com o ‘estranho’:

Quando se aproximaram as trevas da segunda noite, aborreci-me mortalmente e, detendo-me bem em frente do velho, olhei-lhe fixamente o rosto. Ele não deu conta de mim, mas continuou a andar, enquanto eu, desistindo da perseguição, fiquei absorvido vendo-o afastar-se. (POE, 1986, p.139)

Poe finaliza o conto num jogo de espelhos, após uma intensa caçada, o narrador consegue aproximar-se do estranho, para novamente afastar-se e voltar ao seu estado de solidão; “o homem da multidão reduplicado: ambos representam a própria cidade que não se deixa apreender, não permite ser lida, mas que impõe uma leitura do ilegível.” (GOMES, 1994, p.75) A perseguição, o encontro consigo mesmo e o esconder-se é um movimento contínuo dentro de um labirinto existencial:

SOMBRA NA CIDADE MODERNA

Charles Baudelaire foi um grande admirador de Edgar Allan Poe, traduzindo diversas de suas obras para o francês. Em “O Pintor da Vida Moderna” (1863), o autor também retrata um *flâneur*. Ele é um observador anônimo, que atravessa o espaço da multidão parisiense, mentalmente, recordando e imediatamente esquecendo as faces e figuras dos passantes. Baudelaire escreve que ele está longe de casa, e ainda pode se sentir em casa; olha para o mundo, está no meio dele e ainda assim permanece escondido.

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de modernidade...” (BAUDELAIRE, 1995, p.857)

O personagem *flâneur* descrito por Baudelaire é uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la, fazendo desse movimento a razão de sua existência. Diferentemente do narrador de Poe, ele não é um investigador acirrado, mas um observador que caminha tranquilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, buscando uma nova percepção da cidade, “provendo uma identificação com uma sensibilidade que ainda consegue perceber encantos nas coisas danificadas e corrompidas.” (BENJAMIN, 1994, p.55). A multidão gera um fascínio, apesar de toda a consciência a respeito de suas mazelas – “a rua se torna moradia para o *flâneur* quem, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes.” (BENJAMIN, 1994, p.35) A experiência parisiense de Baudelaire fez com que a construção de seu *flâneur* fosse mais ‘leve’, um burguês ocioso que não precisa necessariamente esconder-se na turba, antes pode vagar pela cidade, apreendendo o que lhe interessa, negando-se a ser apenas uma mercadoria de consumo.

Na Paris de Baudelaire havia balsas cruzando o Sena... ainda se apreciavam as galerias, onde o *flâneur* se subtraía da vista dos veículos que não admitem o pedestre como concorrente. Havia o transeunte que se enfia na multidão, mas havia também o *flâneur*, que precisa de espaço livre e não quer perder a sua privacidade (...)

O apaixonado pela vida universal entra na multidão como num reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso como esta multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. (BENJAMIN, 1994, p.50)

O *flâneur* é alguém que está em todos os lugares e ao mesmo tempo em nenhum, ele é solitário, apesar da multidão, sente-se desconectado, dividido entre o encantamento e o temor que a cidade lhe traz. Para Benjamin, a poesia de Baudelaire tem um olhar alegórico sobre a cidade, um personagem que decide ‘flanar’ no espaço urbano a fim de encontrar guarita para a sua desconsolação, que ele busca na multidão.

Assim ele vai, corre, procura. O quê? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que um simples *flâneur*... Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de modernidade... (BENJAMIN, 1994, p.50)

A navegação do *flâneur* transforma o espaço da cidade: a multidão é o véu através do qual a cidade familiar ilude o *flâneur* como uma visão onírica. O espaço navegável é então um espaço subjetivo, sua arquitetura responde pelo movimento e emoção do sujeito. No caso do *flâneur* se movendo através da cidade física, essa transformação somente acontece na sua percepção. O comportamento do *flâneur* é uma resposta a essa mudança espacial histórica. O fato de ele somente se sentir em casa em uma multidão de estranhos é o preço psicológico pago pela modernização. Sua subjetividade é essencialmente marcada pela interação com um grupo - uma troca de olhares entre ele e outros seres humanos. O *flâneur* segundo Baudelaire, é um ser que observa o mundo que o cerca de maneira real e descritiva, levando a vida para cada lugar que vê.

O sujeito se fragmenta no choque das vivências na cidade transformada pelo progresso. Como um 'esgrimista' é obrigado a abrir caminho na multidão, recebendo e aparando os choques, ou como um jogador que sempre recomeça a partida, ou como um autômato que adapta o seu movimento em relação à massa... Nesse contexto, ele perde sua identidade, não é mais um sujeito pleno. A metrópole não é mais o espelho que poderia confirmar a identidade de corpo inteiro. A polis perversa gerada pela modernidade associa-se à fragmentação e à ruína da sociabilidade. (GOMES, 1994, p.68)

É nesse espaço fragmentado e labiríntico que o homem moderno constrói sua identidade, em uma crise contínua entre o sonho e a realidade. A cidade constitui o espaço mítico, o labirinto moderno, no qual os sujeitos percorrem à procura de algo que jamais, de fato, será alcançado.

Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire usaram a figura do *flâneur* para representar um momento histórico específico, em Londres e Paris, a partir da formação do espaço industrial urbano no séc.XIX. Eles narram a crise e necessidade de busca de uma identidade construída a partir da relação entre a multidão e a cidade, fato que transformou não somente o aspecto físico - material, mas subjetivo da sociedade moderna. A grande diferença entre os autores está na forma com que expressam suas inquietações; para Poe a vida social moderna apresenta sombras, tons de cinza, caminhos lúgubres, diversos, contraditórios e muitas vezes intransponíveis. Já a perspectiva de Baudelaire é mais poética, mesmo com a ironia contida em suas narrativas, apresenta a modernidade com um toque menos sombrio, apesar de todo senso de realismo que possa aparecer em sua obra. Para ambos, o *flâneur* é um burguês que se encontra perdido no labirinto da sociedade moderna.



Fig.2 – Escher, *Portrait of a Man*, 1920.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.
- BAUDELAIRE, Charles. *Charles Baudelaire: Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTTING, Fred. *Gothic*. Londres; Nova York: Routledge, 2005.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega* vol. I. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- FREUD, Sigmund. O Estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. Cartografias urbanas: representações da cidade na Literatura. In: *Revista Semear I*. Rio de Janeiro, n. 1. 1994. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/1Sem_12.html>. Acesso em: 20 out. 2010.
- HAYES, Kevin J. Visual Culture and the Word in Edgar Allan Poe's "The Man of the Crowd". *Nineteenth-Century Literature*, v.56 (4): 445-465, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- POE, Edgar Allan. O homem da multidão. In: *Contos*; trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1986.
- SIMMEL, Georg. "As grandes cidades e a vida do espírito". *Mana*, v. 11, n. 2, p.577-591, 2005.